CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ESTUDANTES INDÍGENAS DO CURSO DE LETRAS DA UFGD[1]

Linguistic beliefs and attitudes of indigenous students on the Language Course at UFGD

CAMILA CAMATA DE LIMA
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
E-mail: camilaccamata@gmail.com

MARILZE TAVARES
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
E-mail: marilzetavares@ufgd.edu.br

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar aspectos relativos às crenças e atitudes que estudantes indígenas matriculados no Curso de Letras da UFGD manifestam em relação à língua portuguesa e à língua materna (Guarani ou Kaiowá) bem como outras questões referentes a possíveis dificuldades linguísticas e não linguísticas enfrentadas para permanecer na universidade. A metodologia utilizada foi a de aplicação de questionário com perguntas objetivas e perguntas abertas a um grupo de 09 estudantes indígenas que se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa. O trabalho se fundamenta, teoricamente, nos estudos de Lambert; Lambert (1981), Moreno Fernandes (1998), Maher (2007), Bagno (2007), Lagares (2018) entre outros. Dentre os resultados obtidos, verificou-se que a preocupação em aperfeiçoar a proficiência em língua portuguesa é um dos principais motivos que levam os estudantes ao Curso de Letras, e, ao mesmo tempo, é falta de domínio completo dessa língua a principal dificuldade desses estudantes para se manterem no curso; além disso, os participantes relatam situações de preconceito em relação às línguas indígenas utilizadas, e demonstram, eles mesmos, algumas avaliações negativas em relação à língua materna indígena.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Estudantes indígenas. Curso de Letras/UFGD.

1 Este texto foi elaborado, inicialmente, como relatório de Iniciação Científica, e, posteriormente, reorganizado com as contribuições da segunda autora.

Abstract: This study aims to investigate aspects relating to the beliefs and attitudes that indigenous students enrolled in the UFGD Language Course express in relation to the Portuguese language and their mother tongue (Guarani or Kaiowá) as well as other issues relating to possible linguistic difficulties and not linguistic difficulties faced to stay at university. The methodology used was to apply a questionnaire with objective questions and open questions to a group of 9 indigenous students who were voluntarily willing to participate in the research. The work is theoretically based on Lambert's studies; Lambert (1981), Moreno Fernandes (1998), Maher (2007), Bagno (2007), Lagares (2018) among others. Among the results obtained, it was found that the concern with improving proficiency in Portuguese is one of the main reasons that lead students to the Literature Course, and, at the same time, the lack of complete command of this language is the main difficulty faced by these students. to stay on course; Furthermore, participants report situations of prejudice in relation to the indigenous languages used, and demonstrate, themselves, some negative evaluations in relation to the indigenous mother tongue.
Keywords: Linguistic beliefs and attitudes. Indigenous students. Language Course/UFGD.

INTRODUÇÃO

O Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tem mostrado que, especialmente nas últimas décadas, a quantidade de estudantes indígenas no ensino superior aumentou significativamente[2]. Entre outras razões, é possível supor que isso se deva às reservas de vagas para os cursos em geral e também à criação de cursos especificamente para essa população.

Na Universidade, onde se realizou esta pesquisa, candidatos indígenas que estudaram tanto em escolas privadas quanto em escolas públicas têm vagas reservadas garantidas em todos os cursos por resolução interna aprovada desde 2018. Além disso, a instituição conta também, desde 2012, com o Curso de Licenciatura Indígena, destinado especificamente aos estudantes indígenas.

Assim, se o ingresso ao ensino superior tem sido relativamente mais acessível, não se pode dizer o mesmo da permanência desses estudantes na universidade. No cotidiano dos universitários indígenas, existem dificuldade de várias ordens – algumas,

2 *Número de indígenas no ensino superior é 5 vezes maior que em 2011, aponta levantamento*. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/06/numero-de-indigenas-no-ensino-superior-e-5-vezes-maior-que-em-2011-aponta-levantamento.ghtml. Acesso em: 14 nov. 2023.

evidentemente, comuns a acadêmicos não indígenas também. Parte-se do pressuposto de que, em cursos nos quais o domínio da língua portuguesa é cotidianamente mais exigido na apresentação de trabalhos orais e escritos, as dificuldades são ainda maiores, porque grande parte dos estudantes indígenas aprendem o português como segunda língua e são, em geral, mais proficientes em sua língua materna, geralmente Guarani ou Kaiowá, no caso dos estudantes participantes desta pesquisa.

Considerando esse contexto, a pesquisa, cujos resultados se apresentam neste artigo, teve como objetivo principal investigar aspectos relativos a crenças e atitudes de estudantes indígenas matriculados no curso de Letras de uma Universidade de XX tendo como foco a avaliação que fazem de sua língua materna e da língua portuguesa, além de outras questões relativas a sua permanência na universidade[3].

No que se refere à metodologia para esse tipo de pesquisa, conforme expõe González Martínez (2008), existem diferentes possibilidades, dentre as quais, podem-se citar a entrevista com perguntas abertas e questionários com questões objetivas e a apresentação de amostras de fala para que o informante emita julgamentos. Considerando os objetivos estabelecidos para o estudo proposto e o fato de que o trabalho se inicia como um projeto de Iniciação Científica, optou-se que o método de aplicação de questionário com questões abertas e questões objetivas seria o mais conveniente e adequado.

Assim, foi elaborado um instrumento contendo 12 questões a partir das quais os estudantes pudessem registrar suas impressões sobre as línguas que utilizam e sobre outros aspectos que também contribuíssem para a compreensão da temática. Após testadas e revisadas, as questões foram transferidas para um formulário digital. O passo seguinte foi identificar os eventuais participantes (isto é, os estudantes indígenas) e fazer um convite para que respondessem às questões. Foram enviados 15 formulários e obteve-se o retorno de 09 formulários respondidos. A coleta de dados foi realizada no ano de 2023.

Na sequência deste texto, apresentam-se algumas questões teóricas que fundamentam a discussão e, em seguida, a análise dos resultados obtidos.

3 A pesquisa está vinculada a projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UFGD, conforme o Parecer n. 5.139.645 de 01 de dezembro de 2021.

BREVES QUESTÕES TEÓRICAS: CRENÇAS E ATITUDES, BILINGUISMO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Conforme já esclarecido, a pesquisa tem como objetivo compreender aspectos da situação linguística de estudantes indígenas do curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e outros aspectos – algumas vezes derivados desse – a respeito de sua permanência na instituição. Em razão dos desdobramentos do objetivo geral, considerou-se relevante para o estudo, recuperar, ainda que brevemente, algumas concepções a respeito de crenças e atitudes linguísticas, noções de bilinguismo e de preconceito linguístico.

Crenças e atitudes linguísticas

Os estudos referentes a crenças e atitudes nascem no contexto da Psicologia Social para avaliação de questões diversas e, apenas posteriormente, acabam sendo aplicados também às questões linguísticas. Lambert e Lambert (1981, p. 100) explicam que uma atitude é "[...] uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente". Além disso, os autores também explicam que pensamentos, crenças, sentimentos e emoções são componentes essenciais de uma atitude.

Em outras palavras, mas no mesmo sentido, Fenner (2013, p, 39) menciona que "[...] a atitude não é apenas o resultado de uma crença, mas que os modos de pensar, de sentir e de agir estão interligados de tal maneira que fica difícil separá-los".

As crenças e atitudes linguísticas são elementos fundamentais na construção da identidade linguística de um indivíduo, influenciando a forma como ele se comunica, como percebe sua língua materna e as outras línguas que utiliza ou com as quais convive, e como se relaciona com outras culturas e grupos. Esses elementos podem ser positivos ou negativos e são construídos e moldados por diversos domínios das experiências pessoais, como a família, a escola, a religião, os grupos de amigos, além de serem muito influenciados pela mídia.

Desse modo, entender quais são as crenças e atitudes de um grupo de falantes é relevante, porque as atitudes, por exemplo, em relação a uma língua ou a uma variedade de língua podem interferir significativamente em casos de mudanças ou alternância de línguas. Isso ocorre porque

> [...] uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística aconteça mais rapidamente, que em determinados contextos o uso de uma língua predomine em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que determinadas variantes linguísticas estão confinadas a contextos menos formais e outras predominam em estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística (Moreno Fernández, 1998, p.179)[4].

Conforme se verifica no trecho transcrito, entende-se que se os falantes têm atitudes negativas em relação à própria língua, podem deixar de usá-las e, portanto, deixar de transmiti-la às gerações seguintes. Ainda sobre a importância desse tipo de estudo, Bortoni-Ricardo (2014), após explicar que as pesquisas relativas aos sentimentos positivos ou negativos que os falantes nutrem em relação a línguas ou variedades são incluídos entre os componentes macrossociais da Sociolinguística, afirma:

> Conhecer esses sentimentos é importante na aferição da vitalidade das línguas, de sua preservação, ou, alternativamente, do deslocamento de uma língua por outra em comunidades bilíngues ou plurilíngues. Em relação a línguas e variedades que compõem o repertório de sua comunidade de fala, os falantes podem ter sentimento de orgulho, de lealdade, podem nutrir por elas sentimentos positivos, considerando-as bonitas e agradáveis de ouvir ou sentimentos negativos, associando-as a *status* desprestigiados da sociedade (Bortoni-Ricardo, 2014, p.42).

Assim, considerando o contexto da pesquisa com os estudantes indígenas, fica evidente que as crenças e atitudes linguísticas positivas podem ajudar a valorizar e preservar a língua e a cultura materna, estimular o respeito e a valorização da diversidade linguística e cultural. Já as crenças e as atitudes negativas podem levar à desvalorização da língua materna e de outras línguas, ao preconceito linguístico e até à exclusão social.

Os participantes da pesquisa são futuros professores e, portanto, serão sujeitos com relativa influência em suas comunidades. Por isso conhecer o que pensam, o que

4 No original: [...] una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.

declaram sentir e como dizem agir em relação às línguas envolvidas em sua comunicação cotidiana é relevante pelo potencial de oferecer indícios sobre a necessidade de investigações mais ampliadas que possam subsidiar determinadas políticas linguísticas.

É preciso mencionar que as reflexões sobre crenças e atitudes linguísticas se fazem muito necessárias, especialmente, em situações em que duas ou mais línguas estão em contato, resultando, por exemplo, em bilinguismo. Na sequência, apresentam-se algumas considerações a respeito desse assunto.

Bilinguismo

Inicialmente pode-se definir bilinguismo como "a capacidade de se falar duas línguas" ou "o domínio de duas línguas". Essas são, inclusive, definições encontradas em dicionários de Linguística ou em dicionários gerais de língua portuguesa[5]. No entanto, como existem diferentes situações de bilinguismo, esse termo e a expressão "ser bilíngue" nem sempre podem ser explicados de forma fácil e objetiva.

Neste estudo, não se pretende aprofundar questões relacionadas ao bilinguismo, mas apenas retomar algumas concepções que foram consideradas importantes tendo em vista o tema da pesquisa e a necessidade de se compreenderem os dados coletados, isto é, as respostas dos estudantes.

Alguns linguistas propuseram, no passado, definições bastante restritas para o termo bilinguismo. Bloomfield (1933), por exemplo, entendeu como falante bilíngue aquele que possui total domínio de duas línguas. A definição desse autor foi um ponto de partida para outros pesquisadores que, posteriormente, trouxeram ideias e definições diferentes acerca do assunto.

Nesse sentido, Lyons (2013) questiona o que significa dizer que uma pessoa é bilíngue e discute a possibilidade do que chama de bilinguismo perfeito.

> Podemos admitir, como ideal teórico, a possibilidade do bilinguismo perfeito, definido como competência total em duas línguas, equivalente à competência que um falante monolíngue nativo tem em uma. O bilinguismo perfeito, se é que existe, é extremamente raro porque é raro que as pessoas estejam em posição de usar cada língua numa gama completa de situações e de adquirir, dessa forma, a competência exigida (Lyons, 2013, p. 227).

5 Ver, por exemplo, R. L Trask (2004) e Caldas Aulete Digital.

Considerando as reflexões dos dois autores, em outras palavras, o completo e equivalente domínio de duas línguas resultaria no chamado "bilinguismo perfeito". Se o critério fosse, de fato, domínio completo de duas línguas, existiriam poucos falantes bilíngues e faltaria explicar os casos em que os falantes dominam uma língua, mas não falam essa língua e apenas entendem o que ouve em outra língua, ou os casos em que dominam uma língua, conseguem entender e falar em outra, mas não com a mesma proficiência. Esse último parece ser o caso de muitos acadêmicos indígenas que têm o Guarani (ou Kaiowá) como língua materna e o português, algumas vezes, aprendido posteriormente, apenas quando iniciam a escola.

Dessa forma, diante de diferentes situações de bilinguismo verificadas na prática, considerar que, para ser bilíngue, é necessário dominar "completamente" duas línguas já é uma ideia atualmente entendida pelos pesquisadores como equivocada. Para Maher (2007), por exemplo, não existe o sujeito bilíngue ideal e não é possível ter habilidades idênticas em duas línguas diferentes, mesmo que o falante tenha total determinação e capacidade para realizar esse feito. Essa autora afirma que

> [...] o bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas (Maher, 2007, p.73).

Por isso, convém reiterar, que pensar em um falante bilíngue apenas como aquele que tem o domínio total das duas línguas é ignorar essas situações e suas necessidades. Para o falante indígena, por exemplo, muitas vezes, a necessidade de ser atendido no posto de saúde, no banco, no órgão de assistência social, ou outros locais, os obriga a utilizar uma segunda língua, no caso o português. Isso, porém, não significa dizer que o domínio dessa segunda língua será como o da primeira língua aprendida mais naturalmente no domínio da família e da comunidade onde vive.

Considerando os estudantes universitários, vale lembrar que, evidentemente, já concluíram o ensino médio e, por isso, passaram por alguns anos de ensino formal de língua portuguesa na escola. Em geral, observa-se que a comunicação desses estudantes na oralidade é satisfatória. Já em relação à escrita, as limitações são maiores. Obviamente dificuldades na oralidade e na escrita em língua portuguesa, em ambientes

não familiares, podem ser verificadas também em relação a estudantes não indígenas, entretanto, algumas dificuldades serão, naturalmente, maiores para quem aprende a língua portuguesa como segunda língua. Por fim, é preciso esclarecer que essas afirmações são feitas a partir da experiência da observação, e a pesquisa pretendeu verificar as impressões desses sujeitos sobre essas questões.

A essa discussão, vale acrescentar ainda a ideia de que, em situações de bilinguismo, as duas línguas adquiridas por um falante podem ter prestígio equivalente ou muito semelhante; ou podem ter prestígio e/ou funções distintas. No caso das situações de bilinguismo resultadas do contato das línguas indígenas com a língua portuguesa, é possível recorrer ao conceito de diglossia (Ferguson, 1959). Inicialmente, esse conceito foi aplicado aos casos em que duas variantes da mesma língua coexistem e que cada uma tem um papel diferente e, consequentemente, um valor diferente. Mais tarde, o conceito passou a ser aplicado também a situações de contato entre línguas.

Lagares (2018, p.130), a esse respeito, retomando Fishman, menciona diferentes situações: diglossia com bilinguismo, diglossia sem bilinguismo, bilinguismo sem diglossia, nem diglossia e nem bilinguismo. Dessas, a primeira situação – diglossia com bilinguismo – é a que mais interessa para o contexto desta pesquisa, uma vez que se tem uma comunidade de falantes que emprega, de forma geral, duas línguas, e destina a cada uma delas diferentes funções. Além disso, o prestígio que cada língua recebe é diferente. Em outras palavras, cada língua é utilizada em domínios distintos: em casa e em espaços sociais do interior da comunidade, utiliza-se a língua materna indígena; fora da comunidade, como na universidade, por exemplo, utiliza-se a língua portuguesa.

Em situações em que variedades distintas ou línguas distintas coexistem, e que às variedades ou às línguas são atribuídas valorações diferentes, podem ocorrer situações de preconceito linguístico, assunto sobre o qual são feitas algumas reflexões a seguir.

Preconceito linguístico

Há várias décadas, pautas relativas ao preconceito de modo geral costumam estar em evidência. Debate-se, nesse contexto, sobre questões de raça/cor, gênero, orientação sexual, religião entre outras. Porém, ao que consta, é mais restritamente no âmbito acadêmico onde se discute sobre preconceito linguístico, muito presente

na sociedade brasileira especialmente porque existe uma grande diversidade de línguas e de variedades de línguas.

Dentre os pesquisadores brasileiros que mais discutem essa temática, está Marcos Bagno. Esse linguista foca justamente na discriminação gerada pelo preconceito linguístico, muitas vezes ignorado ou considerado menos grave do que outras formas de preconceito. De acordo com o autor,

> [...] a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (Bagno, 2007, p. 15-16).

Diante disso, é preciso considerar que o preconceito linguístico pode afetar a autoestima das pessoas que são discriminadas, além de impedir seu acesso a oportunidades de emprego, educação e outros espaços da vida em sociedade. É de suma importância destacar também que o preconceito linguístico está atrelado ao preconceito social e muitas vezes é utilizado como uma forma de manter as desigualdades existentes na sociedade. Infelizmente, muitos brasileiros ainda associam, de maneira negativa, a forma como as pessoas falam com sua origem social, econômica ou étnica, perpetuando estereótipos e preconceitos que afetam a vida de milhões de pessoas.

Os preconceitos e atitudes de desvalorização ocorrem em relação a variedades de uma mesma língua e também em relação a línguas consideradas minoritárias, como as línguas indígenas em alguns contextos. Nesse raciocínio, é possível pensar que indígenas bilíngues – português/Guarani ou Kaiowá, por exemplo – podem ser afetados duplamente em relação ao preconceito linguístico. Primeiramente pode ocorrer de terem dificuldades em relação ao domínio da variedade considerada culta do português (já que, como mencionado, para alguns desses indivíduos, o português é aprendido como segunda língua, algumas vezes tardiamente). Depois, é necessário ter em vista também que as próprias línguas indígenas, pelas condições socioeconômicas da maioria dos seus falantes, em geral, não são dotadas de prestígio.

Diante disso, é importante que, especialmente professores e gestores, seja na educação básica, seja no ensino superior, estejam atentos às diferenças linguísticas e culturais dos estudantes indígenas e trabalhem para criar um ambiente inclusivo e acolhedor em sala de aula. Apenas dessa forma, o contexto da educação formal será um espaço de valorização da diversidade, e não um espaço de reprodução de exclusão e discriminação.

ANÁLISE DOS DADOS

Antes de se apresentarem os resultados obtidos, reitera-se que o Projeto ao qual a pesquisa que se apresenta está vinculada foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e os participantes autorizaram, por escrito, o uso das informações para fins de trabalho acadêmico. Ainda assim, optou-se por não os identificar nominalmente e apenas apresentar algumas características de cada um dos participantes. Os participantes serão referenciados apenas por "estudante 1", "estudante 2" etc.

Quadro 01 – Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade	Gênero	Ano de ingresso na UFGD	Munícipio de residência
Estudante 1	23	Feminino	2017	Dourados
Estudante 2	23	Masculino	2018	Amambai
Estudante 3	24	Feminino	2018	Amambai
Estudante 4	24	Masculino	2018	Amambai
Estudante 5	26	Feminino	2017	Dourados
Estudante 6	25	Feminino	2019	Dourados
Estudante 7	34	Feminino	2019	Amambai
Estudante 8	25	Feminino	2022	Amambai
Estudante 9	24	Feminino	2020	Amambai

Fonte: elaboração própria

Como é possível verificar, os participantes da pesquisa têm idade entre 23 e 34 anos, dois se identificam com o gênero masculino e sete com o gênero feminino. A

maioria – seis estudantes – reside no município de Amambai, que fica a aproximadamente 130 km de Dourados, onde fica a universidade; três estudantes residem em Dourados.

Além da parte da identificação do perfil dos participantes, o instrumento da pesquisa, como mencionado, foi composto por questões abertas e questões de múltipla escolha, sendo a primeira "Por que você escolheu fazer um curso de Letras?". Antes de se apresentarem os resultados para essa questão, vale lembrar o Curso de Letras da UFGD ao qual os participantes estão vinculados possibilitam as habilitações Português/Inglês e Português/Literatura.

Dentre as respostas obtidas para a primeira questão, dois estudantes apontam de forma genérica a necessidade de ter uma profissão; dois apontam o gosto pela Literatura – pela poesia, pela escrita de histórias; e cinco participantes da pesquisa apontam o desejo de melhorar a fluência em língua portuguesa, como se pode verificar pelas seguintes respostas dadas à questão:

> Por ser desafiador. Desafiador e muito bom ao mesmo tempo, pois o português sendo a minha segunda língua não seria tão fácil, mas sempre amei estudar essa área (Estudante 3).
> Para melhorar o meu domínio da língua portuguesa escrita (Estudante 4).
> Quero melhorar muito na língua portuguesa pois é minha segunda língua; quero ser mais fluente em língua portuguesa (Estudante 6).
> Aprender mais português como língua para falar português e para melhorar a escrita. (Estudante 7).
> Eu escolhi por gostar de português (Estudante 9).

Pode-se relacionar o fato de a maioria das respostas apontar para a necessidade de melhoria no domínio da língua portuguesa ao fato de que os estudantes têm consciência do prestígio da língua majoritária e da relevância de se ter boa fluência também nessa língua. Essa parece ser – pelas respostas obtidas – a expectativa que depositam no curso superior escolhido.

A segunda questão foi "Quais línguas você domina?". Ao se elaborar essa questão, partiu-se do pressuposto de que os estudantes indígenas participantes da pesquisa são bilíngues, entendendo-se bilíngue, segundo Maher (2007), isto é, o sujeito capaz de desenvolver habilidades necessárias em duas línguas que possam suprir suas necessidades de comunicação, não necessariamente tendo igual domínio das línguas utilizadas.

Cinco participantes afirmaram que dominam tanto o português quanto o guarani; três afirmam que dominam apenas o guarani e um não se considera bilíngue, pois informa que só se comunica em língua portuguesa, apesar de também compreender a língua guarani. Conforme discutido na parte teórica, havendo diferentes níveis de bilinguismo, mesmo aquele indivíduo que consegue compreender em uma segunda língua também poderia ser entendido bilíngue quando se considera o bilinguismo como um processo. Vale acrescentar ainda que o sentimento do falante em relação a ser ou não bilíngue também deve ser levado em consideração.

Com a terceira questão investigava os motivos pelos quais os acadêmicos aprenderam português – "Se a língua indígena (Guarani, Kaiowá ou Terena) for sua língua materna, por que você aprendeu português também?" Os estudantes 2, 3, 4, 8 e 9 afirmaram que aprenderam o português após terem aprendido a língua indígena guarani, pela necessidade de interagir com pessoas fora de suas comunidades. Já os participantes 1, 6 e 7 aprenderam tanto o português quanto o guarani simultaneamente, de forma natural e não souberam apontar um motivo específico para isso. Em consonância com as respostas dadas à questão anterior, um dos participantes (o 5) respondeu que não possui conhecimento da língua indígena guarani, apenas do português, pois seus pais não o ensinaram. Como se nota pela maioria das respostas, a aquisição de uma segunda língua está ligada à necessidade de adaptação a um ambiente significativamente diferente do habitual. Compreende-se que aprender português, para esse grupo, significa a chance de mais oportunidades tanto de estudo quanto de trabalho. Aprender duas línguas naturalmente e ao mesmo tempo, conforme os estudos sobre o tema, pode ser mais vantajoso do que aprender a segunda língua posteriormente e tardiamente. Isso porque a proficiência será mais proximamente equivalente quando as duas línguas são aprendidas ao mesmo tempo.

A questão seguinte, a quarta do formulário, focou na autoavaliação dos participantes em relação ao domínio da língua portuguesa em sua modalidade oral – "Como você avalia a sua expressão oral em língua portuguesa? ". Os estudantes 3, 4, 5 e 8 afirmaram que não encontram dificuldades ao se comunicarem em português e conseguem interagir com qualquer pessoa. Por outro lado, os estudantes 1, 2 e 7 relataram sentir um pouco de dificuldade ao se expressarem oralmente em português, mas acreditam que estão melhorando essa habilidade. Por fim, os estudantes 6 e 9 expressaram insegurança em relação a expressão oral em português. Convém mencionar que a insegurança ao se comunicar em uma língua diferente da materna é um desafio

comum enfrentado por muitas pessoas em determinadas etapas da aquisição de um outro código linguístico, independentemente das línguas envolvidas.

A questão 5 foi "Como você avalia a sua escrita em a língua portuguesa?". Entre as respostas obtidas, apenas o estudante 8 afirmou não encontrar dificuldades, mesmo o português sendo sua segunda língua. Por outro lado, o estudante 5 afirmou falar apenas o português e, mesmo assim, enfrenta dificuldades na escrita, como os demais informantes também afirmaram. É importante ressaltar que é bastante comum que muitos falantes que têm o português como língua materna também encontram dificuldades na escrita. Portanto, não é uma característica exclusiva de um indivíduo bilíngue que não possui proficiência suficiente na segunda língua. Ocorre, no entanto, que quando essa é uma dificuldade de estudantes indígenas, ela é somada a outros tipos de dificuldades como a de compreender determinados gêneros textuais acadêmicos, o que resulta em muito mais desafios para esse grupo de estudantes.

Após analisar um pouco das impressões que os participantes da pesquisa declararam em relação ao domínio das línguas que utilizam, direcionou-se a atenção para um estudo acerca das experiências vivenciadas no dia a dia como indivíduos indígenas no ambiente universitário. Um dos aspectos investigados foi o preconceito linguístico a partir da questão 6: "Você já sofreu/sentiu algum tipo de preconceito por estar falando a língua indígena com outros colegas na universidade? Ou já presenciou essa situação com algum outro(a) estudante indígena?". A maioria – seis participantes – não relatam nenhuma experiência vivida ou observada de preconceito linguístico na universidade, entretanto os estudantes 6, 7 e 9 respondem afirmativamente. Nos comentários em relação à questão, o participante 9 mencionou ter presenciado pessoas rindo durante uma conversa com um grupo de colegas, enquanto o estudante 7 relatou sofrer "bastante preconceito sempre", inclusive, algumas vezes, por parte dos próprios colegas indígenas. Na sequência, transcreve-se trecho do relato da estudante 6 sobre essa questão.

> O preconceito veio de uma colega indígena mesmo que nunca mais vi e não conhecia. Na hora de um seminário, ela disse pra mim que eu tenho que falar bem em português pra não passar vergonha, porque eu falo muito errado. Mas eu usei todas os meus métodos pra isso e eu não sabia que ela tinha vergonha de como nós indígenas falamos. Mas ela tinha. Eu disse pra ela que vou fazer o que puder... pra isso que escolhi esse curso... Teve outras vezes também que uma colega da sala, que não é indígena, disse que nós indígenas não

> podemos mais usar as nossas línguas maternas por ela não entender. Isso pra mim é constrangedor, me senti tão mal depois disso. São várias situações, que tem a ver com as nossas línguas... depois diz que é só umas brincadeirinhas, mas me sinto tão ofendida...

Como se pode verificar nesse relato, questões envolvendo as línguas utilizadas pela estudante incidem em seu cotidiano universitário. Como observado, a questão 6 focou mais especificamente no uso das línguas e, na sequência, procurou-se verificar também com a questão 7, se os participantes da pesquisa sentiam que já haviam sido tratados de forma diferente por colegas ou professores na universidade.

Em relação a essa pergunta, todos responderam afirmativamente. A estudantes 4, por exemplo, relatou ter vivenciado situações em que duvidaram de suas notas altas, chegando a ouvir insinuações de que teria colado e registrou: "Tem gente que acha que por ser indígena tem que ter só nota baixa ou só na média". Já os participantes 6 e 7 afirmaram que os indígenas são muitas vezes excluídos por outros colegas na formação de grupos para trabalhos. Os estudantes 3, 8 e 9 declararam que esse preconceito, inclusive, algumas vezes, parte também de professores, conforme um dos relatos transcrito na sequência.

> Uma vez apresentamos um seminário e a professora meio que disse que nosso seminário estava ruim, que os slides que a gente tinha feito estavam ruins. E ela falou isso só para nós, pro nosso grupo. Mas ela não sabe que temos muita dificuldade, pois onde estudei minha vida toda até o 3° ano não tinha seminário e não preparam os alunos para seminários e por isso uns professores não entendem e acham que a gente precisa melhorar e tal... nem mexer no computador algumas vezes não sabemos mesmo. A professora reprovou eu e a minha colega porque fizemos um seminário que ela acha que não estava bom e a gente estava falando muito errado (Estudante 9).

Obviamente não seria adequado criticar a autonomia e/os critérios de avaliação da professora que, segundo a estudante, teria reprovado o grupo porque não se tem mais informações sobre a situação. Cabe observar apenas o sentimento de ter sido tratada de forma diferente, quando a estudante relata que apenas o seu grupo teria sido chamado a atenção.

Dando sequência à análise das respostas, considerando que os estudantes serão professores, especialmente em suas comunidades, a questão 8 teve como objetivo investigar as opiniões dos estudantes em relação ao ensino da língua portuguesa e das

línguas indígenas nas escolas indígenas. A pergunta formulada foi a seguinte: "Você concorda que as línguas indígenas maternas sejam ensinadas juntamente com a língua portuguesa nas escolas indígenas?" Havia, juntamente com essa questão, uma solicitação de comentário, que poucos participantes atenderam. A estudante 7 registrou que "seria importante que todas as crianças aprendessem a língua materna indígena porque isso ajudaria a preservar a cultura"; além disso, a estudante 5 acredita "ser de extrema importância que as crianças aprendam ambas as línguas ao mesmo tempo". Dentre as respostas, no entanto, destaca-se o fato de que quatro estudantes tenham respondido "não" para essa questão. Seria possível supor uma má interpretação da questão (talvez pela forma que foi apresentada) ou entender que realmente não acham relevante ensinar a língua materna.

A nona questão foi referente às pretensões dos participantes no que se refere as suas futuras atividades profissionais após a conclusão de seus estudos; ou seja, se o interesse seria mais pela língua indígena ou pela língua portuguesa. A questão enviada aos participantes foi a seguinte: "Quando estiver formado, gostaria de trabalhar com o ensino de língua indígena ou apenas com o ensino de língua portuguesa? Por quê?". Por meio das respostas, todos os participantes expressaram o desejo de trabalhar, se possível, com ambas as línguas. Tal resultado leva a acreditar que todos desejam desempenhar suas funções, contribuindo para o aprendizado da língua portuguesa e das línguas indígenas nas suas comunidades. Dentre os comentários expressos nessa questão, está o seguinte: "Desejo ensinar as duas línguas porque, onde resido, apenas a língua guarani é ensinada, e os alunos encontram dificuldades ao se expressarem em português, precisa trabalhar com as duas" (estudantes 9). Verifica-se que os resultados obtidos para essa questão podem ser parcialmente contraditórios com os obtidos com a questão anterior, entretanto, como observado, isso pode derivar de uma má interpretação de uma das questões.

A questão 10 investigou a opinião dos participantes sobre uma eventual inclusão de estudos sobre línguas indígenas no currículo do Curso de Letras, tendo em vista a presença significativa de comunidades indígenas na região. A pergunta enviada aos participantes foi: "Você acredita que seria relevante incluir, no Curso de Letras, conteúdos ou disciplinas (ainda que optativas) que abordassem aspectos das línguas indígenas da região? " Com essa questão, verificou-se que a maioria dos participantes, com exceção de apenas um, consideraria relevante ter conteúdos ou disciplinas relacionadas às suas línguas indígenas maternas.

Entende-se que abordar as línguas indígenas nesse contexto poderia se configurar como uma oportunidade desses estudantes se veem mais representados e também de compartilhar aspectos de sua cultura tradicional no âmbito acadêmico. Além disso, essa abordagem poderia auxiliar na redução do preconceito linguístico e do preconceito contra os povos indígenas.

Já a questão 11 solicitou, de forma objetiva, avaliação das línguas indígenas e da língua portuguesa por meio da associação de adjetivos a essas línguas. O objetivo dessa questão foi examinar mais diretamente certas crenças em relação às línguas. No formulário, a questão apareceu conforme segue.

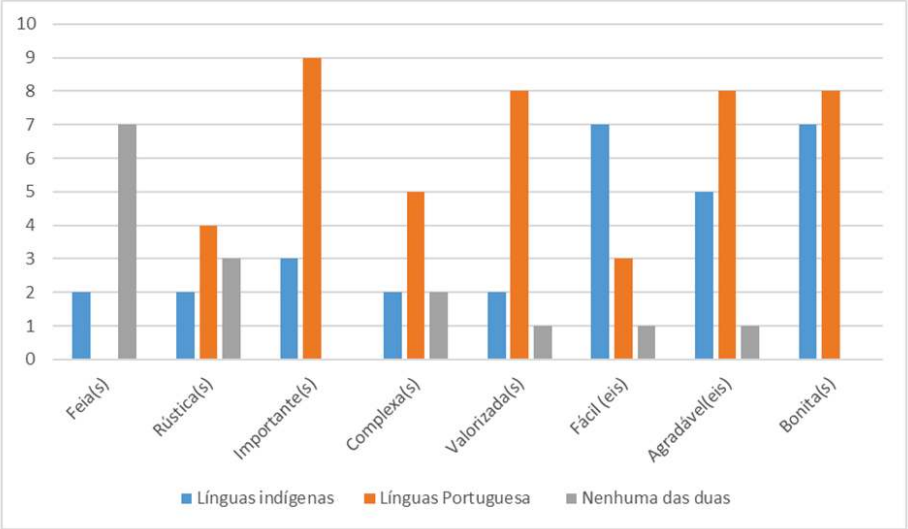
Questão 11. Relacione os adjetivos a uma das línguas, às duas ou a nenhuma.

Avaliação	**língua indígena***	**português**	**nenhuma**
Bonita(s)	( )	( )	( )
Agradável(eis) de ouvir	( )	( )	( )
Fácil(eis)	( )	( )	( )
Valorizada(s)	( )	( )	( )
Complexa(s)	( )	( )	( )
Rústica(s)	( )	( )	( )
Importante(s)	( )	( )	( )
Feia(s)	( )	( )	( )

*Guarani, Kaiowá ou Terena

Os resultados obtidos em relação a essa questão estão demonstrados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Comparação das impressões sobre as línguas indígenas e a língua portuguesa



Fonte: Elaboração própria

É relevante observar que, embora as avaliações tenham sido predominantemente positivas em relação a ambas as línguas, ainda se observam algumas crenças negativas em relação às línguas indígenas. Dois estudantes indicaram que consideram sua língua materna como sendo "feia", enquanto outros dois a descreveram como "rústica". Provavelmente essas percepções surgem devido às experiências de preconceito vivenciadas (algumas não relatadas) pelos acadêmicos, influenciando-os a acreditar que sua própria língua é "feia". São muitos os fatores que levariam um indivíduo a ter determinadas crenças em relação a uma ou outra língua, e essas crenças, conforme já mencionado, são moldadas e influenciadas a partir das experiências de cada pessoa nos diversos domínios como na família, na igreja, na escola, nas interações com os amigos, no que se vê e ouve diariamente nas mídias entre outros.

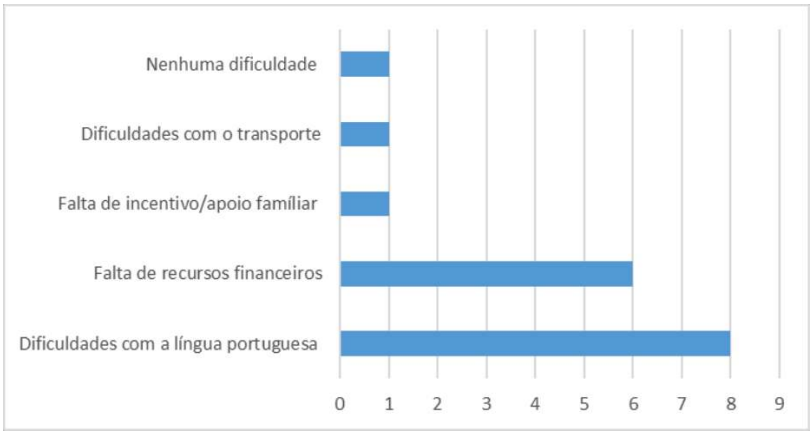
Por fim, a última questão do formulário pretendeu verificar os potenciais desafios que afetam a vida acadêmica dos estudantes e que interferem em seu processo formativo. A questão apresentou algumas opções de resposta, mas também permitia aos participantes acrescentarem outras alternativas conforme suas vivências, como se verifica:

> **Questão 12**: Dentre os fatores abaixo, assinale o(s) que mais impacta(m) sua vida acadêmica (pode assinalar mais de uma resposta).
> a) Questões financeiras (para locomoção, alimentação, vestuário, material

para estudo).
b) Falta de incentivo/apoio familiar.
c) Dificuldade em relação à língua portuguesa (para compreender os textos, responder às questões das provas, apresentar seminários...)
d) Não sinto que tenho dificuldades quanto à minha vida acadêmica.
e) Outros fatores. Quais?

Os resultados estão representados no gráfico a seguir.

Gráfico 02 – Dificuldades apontadas pelos estudantes



Fonte: Elaboração própria

Conforme se constata pelo gráfico, o principal problema enfrentado pelos estudantes é a dificuldade com a língua portuguesa, além da dificuldade financeira que aparece em segundo lugar. A pesquisa não pretendeu coletar dados exatos sobre isso, mas acredita-se que a combinação desses dois fatores pode estar entre as causas da evasão desses grupos de estudantes. Nesse sentido, convém registrar que os programas que visam a destinação de bolsa permanência para esse público – assim como para outros que também têm alguma vulnerabilidade – são de extrema importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma investigação com os discentes indígenas matriculados no curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, foi possível averiguar e realizar

uma análise das crenças e atitudes que esses estudantes declaram em relação à língua materna e à língua portuguesa. Em geral, pode-se afirmar que as impressões sobre as línguas utilizadas são positivas, embora tenha sido possível identificar que algumas crenças que remetem à desvalorização das línguas indígenas ainda prevalecem.

Convém destacar que os estudantes indígenas compreendem suficientemente a importância da língua portuguesa como língua oficial do Brasil e afirmam que dentre os motivos da escolha de curso Letras está a necessidade de melhorar a proficiência, especialmente escrita dessa língua. Além disso, destacam também o desejo de ter uma formação que lhe possibilite uma profissão e um trabalho.

Vários estudantes relatam que a falta de domínio adequado da língua portuguesa, especialmente na modalidade escrita formal, está entre as principais de suas dificuldades para continuar o curso, o que aponta para a necessidade atenção da instituição superior em relação a esse fato.

Destaca-se que muitos desses indivíduos desejam assumir o papel de professores de língua portuguesa e também da língua materna indígena em suas comunidades, desempenhando um papel fundamental na preservação e na manutenção da língua materna em suas respectivas comunidades. Dessa forma, sempre reforçar crenças positivas sobre as línguas indígenas no ambiente acadêmico também deve ser uma função do curso de Letras para que os futuros professores estejam seguros no desempenho de sua profissão.

A pesquisa também investigou como os estudantes indígenas se percebem enquanto falantes bilíngues de uma língua à qual, em geral, não é atribuído prestígio social. Além disso, a pesquisa verificou também como são as dinâmicas das relações estabelecidas com outros discentes e docentes na universidade, constatando que ainda ocorrem atitudes de diferenciação e até de preconceito linguístico e social. Por isso a comunidade acadêmica ainda precisa aprimorar certas discussões relacionadas às línguas consideradas minoritárias. A presença dessas questões remete à necessidade de implementar medidas para promover uma convivência acadêmica mais inclusiva e livre de preconceitos, a fim de fortalecer o respeito e a valorização das identidades culturais e linguísticas de todos os envolvidos no ambiente educacional.

O presente estudo teve a pretensão de contribuir para a reflexão sobre a presença de estudantes indígenas que, em geral, não tem o português como primeira

língua, mas que se tornarão professores de língua portuguesa. O foco, conforme demonstrado, foi nas questões linguísticas, mas outros aspectos relativos à dificuldade de permanência desses estudantes no ensino superior também foram apontados. Para finalizar, convém mais uma vez reforçar a ideia de que a diversidade linguística é uma riqueza cultural que merece ser valorizada e respeitada, para que seja construído um ambiente acadêmico mais igualitário e acolhedor para todos os indivíduos, independentemente de suas origens culturais e linguísticas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico:* O que é, como se faz. 49.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language.* Londres: Fakenham and Reading, 1933.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística.* São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FENNER, Any Fenner. *Crenças e atitudes linguísticas:* um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense (2013), 267 f. (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2013.

FERGUSON, Charles. *Diglossia.* In: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M. F. (orgs.) *Sociolinguística*. (Trad.de E. N. Araújo Jorge). Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1966], p. 225-240.

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Juan. Metodología para el estudio de las actitudes lingüísticas. *Actas del XXXVII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL)*, Departamento de Lingüística hispánica y Lenguas modernas. Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2008. p. 229-238.

LAGARES, Xoán Carlos. *Qual política linguística?* Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. *Psicologia social.* Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Zahar Editores, 1981.

LYONS, John. *Linguagem e linguística*: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MAHER, Terezinha Machado. *Do casulo ao movimento:* a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociologia del lenguaje.* Barcelona: Ariel, 1998.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística.* São Paulo: Contexto, 2004.